

GÊNERO, ARQUÉTIPO E MASCULINIDADE: BREVES RECORTES ACERCA DA REPRESENTAÇÃO LITERÁRIA DE LAMPIÃO EM RACHEL DE QUEIROZ.

Eixo Temático 06 – Corpo e Gênero na arte como Potência e Vida em Memórias e Resignificações da existência.

Irio José do Nascimento Germano Júnior¹

Flávia Alessandra Bezerra²

Maria de Lourdes da Silva³

Jordania de Lucena Cordeiro Accyole⁴

RESUMO

O presente trabalho objetiva analisar a personagem Lampião com foco na construção identitária masculina na obra literária *Lampião (2005)*, de Rachel de Queiroz. Buscar-se-á, para a leitura da obra, discussões relacionadas ao gênero, arquétipo e masculinidade. Percebem-se, no enredo, crenças e hábitos do “universo masculino” emergidos no agir e pensar da personagem Lampião. Nesse contexto, vários enfoques são produzidos à figura feminina, porém pouco se há analisado acerca da condição masculina/masculinidade no tocante à literatura, sobretudo a obra supracitada. Bibliográfica a pesquisa, parte-se do texto teatral, bem como aportes teóricos de Baumam (2005), Casagrande (2011), Jung (2000), Canassa (2018) e outros. O trabalho é um convite a conhecer a figura de Lampião pela ótica Racheliana.

Palavras-chave: Lampião; gênero; masculinidade; literatura; arquétipo.

INTRODUÇÃO

Sabendo que a literatura se torna um campo de estudo que contribui para perceber a transformação, a construção e a criação de comportamentos e de representações humanas, o

¹ Licenciado em Letras – Português pela UERN; mestre em letras pelo PPGL/UERN e professor substituto de Língua Portuguesa e Literatura do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Paraíba – IFPB – Campus Princesa Isabel – PB, irio.nascimento@ifpb.edu.br;

² Aluna do 3º ano do Curso Técnico Integrado em Edificações do IFPB – Campus Princesa Isabel – PB, flavia.alessandra@academico.ifpb.edu;

³ Aluna do 3º ano do Curso Técnico Integrado em Edificações do IFPB – Campus Princesa Isabel – PB, lourdes.silva@academico.ifpb.edu.br;

⁴ Graduação em biblioteconomia pela UFPB, mestranda pelo MPPGAV da UFPB e coordenadora de Gestão de Pessoas do IFPB do Campus Princesa Isabel – PB, jordanielc@gmail.com;

presente trabalho objetiva-se analisar a personagem Lampião com foco na construção da identidade masculina na obra literária *Lampião (2005)*, de Rachel de Queiroz. Buscar-se-á, para a leitura da obra, contribuições teórico-analíticas que envolvam discussões de gênero, arquétipo e masculino moldados pela sociedade.

Nessa linha de raciocínio, estudos são realizados por meio de leituras literárias que refletem o envolvimento de crenças humanas no que diz respeito ao modelo arquetípico associado à figura masculina e feminina. Pensando nisso, é notório que esses possuem disparidades. Contudo houve um conjunto de atribuições, ou melhor, de valores que foram padronizados de forma cultural para cada um. Esse olhar identitário configurado ao homem e à mulher vai além do olhar fisiológico/biológico por refletir estigmas categóricos que os marcam de forma individual e desigual em sua historicidade.

A partir do exposto, realça-se a devida importância dos estudos relacionados ao feminino. Ademais, há muito se discute o papel desempenhado pela mulher enquanto personagem das narrativas literárias e sua relação com a identidade feminina sob os mais variados aspectos, entre eles, a literatura. Sem dúvida, a intenção proposta não é deixar de lado a importância da mulher, a relevância das manifestações feministas e estudos acerca do feminismo; contudo, foca-se também em analisar outros aspectos que compõem a obra literária em si, tocando em um viés pouco abordado no arcabouço da ficção: a figura masculina literária.

Dentro desse pensamento, pouco se há analisado acerca da condição masculina/masculinidade no tocante à literatura, sobretudo à obra supracitada. Essa lacuna investigativa provoca inquietações para se discutir, a partir da ótica literária, a figura masculina na obra *Lampião (2005)*, de Rachel de Queiroz. Nesse contexto, os estudos a respeito da masculinidade na obra literária são de menor proporção, o que faz entender o escasso número de publicações nacionais acerca da “masculinidade e literatura” (CANASSA, 2018). Em consonância com a discussão, o estudioso Simom (2008, p. 10) complementa que é um “campo que oferece múltiplas fontes de trabalho”. Dessa maneira, percebem-se, no enredo, crenças, ações e hábitos “do universo masculino” emergidos no agir e pensar da personagem Lampião, o que possibilita um estudo a respeito da sua personalidade.

Em *Lampião (2005)*, o enredo mostra a chegada de Lampião à vila, à procura de uma mulher que havia mandado uma carta para ele. A história é narrada no Sertão, ambiente frequentado por Lampião e seus companheiros. A obra em análise é uma peça teatral escrita em terceira pessoa, tendo como personagens principais Maria Déa, que depois torna-se “Maria Bonita” e Lampião. Contada em cinco quadros no texto teatral, ou seja, quadros que podem ser

entendidos como capítulos. Cada um com sua importância, contando situações peculiares e tensões de Lampião e seu grupo.

Para a metodologia tem-se, com a intenção de estruturar de forma didática o pensamento aqui a ser discorrido, o presente trabalho envereda por meio de uma pesquisa bibliográfica de cunho qualitativo, pois analisa o conteúdo por meio do objeto de estudo que é a obra literária. Esta análise será feita por intermédio da obra: o texto teatral que contribuirá para incitar o ensejo investigativo deste trabalho.

Em consonância com o exposto, no que diz respeito ao referencial teórico, parte-se do texto teatral que orienta o percurso de análise e convoca todas as teorias pertinentes à discussão, bem como aportes teóricos de Baumam (2005) para a discussão de identidade; Casagrande (2011) para gênero; Jung (2000) para arquétipo; Canassa (2018) para a necessidade do estudo acerca do masculino na ficção e outros teóricos que emergem no decorrer de nossa abordagem teórico analítica.

Logo, Lampião, por sua vez, é desenhado com suas singularidades, neste sertão Racheliano, em que a segura geográfica atinge a escassez sentimental de um sujeito controverso e historicamente associado à valentia, isto é, ao que é tipicamente exigido ao homem.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A princípio, sabe-se que o entendimento da concepção de gênero passa por uma construção que não é de hoje, aliás, sua ideia do que seja gênero emerge de forma epistemológica com o passar do tempo. Esses preceitos vão desde atribuições à mulher com atuação impostas pela sociedade mesmo que de forma involuntária para o arquétipo carinhoso, educacional (JUNG, 2000), ou seja, uma modelação que apresente generosidade e bondade; e, ao homem, um comportamento refletido mais a força física, profissões, política e independência. Em consonância ao exposto, quando se pensa no homem como objeto de pesquisa, logo emergem-se possíveis conceitos sócio-históricos ideologizados ao seu agir enquanto figura masculina, tais como: um ser conservador em que a mulher “deve” obedecê-lo; dotado de valores; o centro “do poder”, por exemplo.

A partir do que foi discorrido, conduzir estas perspectivas do gênero masculino para uma análise literária colabora para que se faça (re)leituras insólitas do teatro *Lampião* (2005). Constrói-se essa ponte entre a teoria e análise, pois a obra apresenta aspectos relacionados ao gênero, neste caso, o foco é direcionado ao masculino como é possível notar neste momento entre Maria Déa/Bonita e Lauro (seu ex-esposo) que relatam:

Maria Déa – Não rogue praga a quem você não conhece, Lauro. Demais, tudo que você está dizendo é mentira. Lampião viveu em paz até à idade de 16 anos, e só entrou no cangaço porque a polícia matou o pai dele. Que é que um homem pode fazer, se não se vingar? (Escuta). (QUEIROZ, 2005, p.19)

É importante considerar que esta personalidade vingativa é, de forma cultural, associada ao homem que não pode sequer “afrouxar-se”. Pois, as representações ideológicas sociais que se construíram historicamente fazem com que estas ações como a adotada por Lampião representem o agir e pensar tipicamente configurado ao masculino. Caso contrário perderá a sua “identidade herdada” de masculinidade.

A partir do que já foi discutido, pode-se perceber a concepção de que a identidade aparece não como algo já formado, exato e imodificável. Muito pelo contrário, ela é constituída também no interior, no subconsciente. Aliás, nota-se que, a partir das ações da personagem, a identidade emerge, flui e escorre de forma movediça (BAUMAN, 2001), já que se encontra em constante transformação por meio de suas ações. A personagem Lampião enquanto homem apresenta uma imposição autoritária e impiedosa com os seus inimigos. Isso é característico do que se pode esperar captar nos chefes de cangaço e estão entrelaçados no desenvolver da ficção. Nota-se que a identidade de Lampião nesta trama literária configura-se como algo construído por meio de acontecimentos drásticos na vida dele. É com esse pressuposto que se percebe como a identidade acaba sendo espalhada, enraizada e ao mesmo tempo fragmentada com o tempo. A exemplo disso, o ex-marido de Maria Déa contrapõe a imagem de Lampião divulgada por ela, com outra versão, conforme consta no trecho a seguir:

Lauro –Não, o caso de Lampião não foi como você está dizendo. Ele começou matando um vizinho, por causa de uma cabra que lhe comeu o roçado. Pelo malfeito dum bruto, tirar a vida dum cristão.... Assim foi que começaram, os três irmãos, o pai, e ele. (QUEIROZ, 2005, p.20).

Nota-se que a falta de uma definição precisa da entrada de Lampião no cangaço mostra os pontos que interligam aspectos identitários fragmentados, peculiaridades que acompanham o personagem e o tornam temido e impiedoso. Conforme foi mostrada a versão de Maria Déa e de seu ex-esposo Lauro sobre a imagem do personagem fictício supracitado, torna-se cada vez mais evidente a indefinição identitária deste que figurou entre mito e realidade.

O personagem, em um dado momento da história, ao ser chamado de Virgulino repele esse ato do prisioneiro com seu comportamento autoritário e soberano. Esta atitude se aproxima do típico comportamento masculino voltado à agressividade e superioridade nas instâncias sociais. Conforme o fragmento da obra expressa:

Os prisioneiros – Bom dia, capitão Virgulino! Lampião (*medindo-os de alto a baixo.*)
– Podem me chamar de Lampião. (*Pausa.*) 1º Viajante – Deus me livre, capitão!
Lampião (*fazendo-o calar-se com um gesto.*) – É bom que saibam uma coisa: Lampião
só tem um no mundo. Virgulino, ou José, ou Chico, ou Pedro, qualquer amarelo à-toa
pode-se chamar. É só a mãe dizer ao padre na hora do batizado. Mas o nome de
Lampião – Não foi ninguém que me deu! Esse eu ganhei na boca do meu rifle.
(QUEIROZ, 2005, p.34).

Percebe-se também o uso de munição que culturalmente é associado à figura masculina como uma forma de amedrontar, impor medo em seus inimigos. A passagem feita de Heleieth Saffioti (1987 *apud* CASAGRANDE, 2011, p. 188) complementa a discussão acerca do comportamento masculino, pois “A educação masculina, no entanto, historicamente trouxe elementos que contribuem para a agressividade. Os homens são ensinados a competir permanentemente e a agressividade é um componente básico da personalidade competitiva”.

Dentro dessa lógica, faz-se levar também a pensar na postura associada a uma típica imagem, entre tantas outras que há no seu agir, da figura masculina cristalizada por um estereótipo em especial: a rispidez, a grosseria. Ou seja, é direcionado ao homem a exclusão de sentimentos, de afetividade, pois a dureza torna-se um dos seus alicerces identitários enquanto sujeito masculino, fora disso, ecoa-se, por vezes, um julgamento excludente social para a feminilidade, portanto “todos que não se enquadram neste requisito são marginalizados” (SOARES; COSTA, 2018, p. 142).

Pensando nisso, todo homem será obrigado a seguir esse padrão ou existem outras maneiras de “ser masculino”? A cultura e o olhar social associado ao comportamento masculino propagaram, mesmo que direta ou indiretamente, a ideia de que os homens devem ser fortes em todos os aspectos, corajosos, guerreiros e incapazes de expressar sentimentos. Na maioria das situações, esta fragilidade dos homens, pode representar uma ideologia que, para muitos, pode ser vista como uma imagem de fraqueza. Aliás, muitos sentimentos masculinos chegam a serem oprimidos e trancafiados para que não sejam transparecidos na sociedade.

A maneira que historicamente a sociedade impõe o conceito masculinidade, em que se observa que o homem é visto e representado como viril se contrapõe a concepção deste sentir, também, interesse nos afazeres domésticos como cozinhar, pois isso o tornaria “fraco” ou até mesmo incapaz de ser considerado “homem” mediante o senso julgado da sociedade. Logo, o preconceito enraizado tenta privá-lo de expressar-se a viver suas experiências desejáveis e externar as suas vastas masculinidades.

Somos o resultado de um processo construído há milhares de anos. A literatura se mostra como um veículo informativo importante para o estudo dessa (des)construção. Por meio

dela podemos compreender como ela acontece e por que acontece, bem como pode ser utilizada como instrumento para resgatar e derrubar esse preconceito entre os gêneros.

Por fim, o personagem de Rachel de Queiroz, Lampião, e seu bando foram detidos e mortos por intermédio do governo, ou seja, a polícia. Diante disso, na obra, a polícia acaba em pôr fim em aproximadamente vinte anos do cangaço de Lampião. Muito há para se discutir acerca deste personagem, mas para o intuito deste artigo, o essencial foi levantado e abordado.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nesta pesquisa, fez-se a discussão da construção identitária masculina na obra literária *Lampião (2005)*, de Rachel de Queiroz. Ademais, analisou a representação do gênero, do arquétipo, da masculinidade e da identidade de forma sintetizada com pequenos recortes na ficção, o que permite entender que há muito o que se evocar e analisar em novas análises. Na peça “Lampião” percebe-se os seguintes procedimentos do enredo associados à figura masculina: há a presença de uma personalidade intimidadora, impiedosa; soberania por estar na liderança de um bando de cangaceiros; julgamentos acerca da construção de sua identidade.

Espera-se que a discussão possa contribuir para novos questionamentos sobre a temática da masculinidade; a figura literária de Lampião; abordagens de gênero e para futuras análises literárias acerca de obras da escritora Rachel de Queiroz, com ênfase na figura masculina de Lampião. Por fim, cogita-se que este recorte da obra contribua para os futuros trabalhos de literatura em consonância com as Ciências Sociais; a literatura regionalista; a (re)apresentação de novas formas de rever a figura masculina em suas diversas características e outras áreas afins, desenvolvidas no meio acadêmico. Almeja-se, assim, muitas outras discussões que se aproximem desta, a fim de problematizar as questões de gênero, arquétipos e masculinidade por meio da literatura, pois a obra conduziu e continuará propiciando novas interpretações.

REFERÊNCIAS

- BAUMAN, Z. **Modernidade líquida**. Trad. Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.
- CANASSA, L. Os estudos das masculinidades e os estudos literários no Brasil: um breve panorama e alguns possíveis caminhos. **Revell - Revista De Estudos Literários da UEMS**, [S. l.], v. 2, n. 19, p. 12–36, 2018. Disponível em: <https://periodicosonline.uems.br/index.php/REV/article/view/2840>. Acesso em: 28 jul. 2022.
- CASAGRANDE, L. S. *et al.* **Igualdade de gênero: enfrentando o sexismo e a homofobia**. – 1. ed. Curitiba: UTFPR, 2011.

JUNG, C. G. **Os arquétipos e o inconsciente coletivo**. Trad. Maria Luíza Appy, Dora Mariana R. Ferreira da Silva. Perrópolis, RJ: Vozes, 2000.

QUEIROZ, R. **Lampião**: A beata maria do Egito/ Rachel de QUEIROZ. 5. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2005.

SOARES, L. L.; DA COSTA, M. E. O menino, o homem e o senhor: masculinidades em contos lispectorianos. **Revell - Revista De Estudos Literários da UEMS**, [S. l.], v. 2, n. 19, p. 139–162, 2018. Disponível em: <https://periodicosonline.uems.br/index.php/REV/article/view/2831>. Acesso em: 31 jul. 2022.

SIMON, L. C. S.. Fundamentos para pesquisas sobre masculinidades e literatura no Brasil. **Revista Estação Literária**, v. 16, p. 8. Londrina: Universidade Estadual de Londrina, 2008. Disponível em [:http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/estacaoliteraria/article/view/28472/20641](http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/estacaoliteraria/article/view/28472/20641). Acesso em: 18 de jul. 2022.